

---

## O PROBLEMA DA FONTE DA INTELIGIBILIDADE EM SER E TEMPO

Júlia Garcia Tronco

### **Resumo:**

O artigo analisa o problema da fonte da inteligibilidade na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger. Partindo da analítica existencial na qual entes humanos descritos como ser-aí (*Dasein*) são ser-no-mundo, Heidegger reconhece que os entes ganham identidade e significação no interior do mundo, este, compreendido como espaço de significatividade. Os entes disponíveis no interior do mundo são significativos em função do mundo, desse modo, já aparecem imersos em contextos estruturados de sentido e imediatamente inteligíveis ao ser-aí. Diversos estudiosos da obra do filósofo alemão questionam a origem da inteligibilidade e do que constitui esse espaço de sentido. O ponto central do problema consiste em identificar qual seria a estrutura existencial que é responsável pela constituição do espaço de sentido. O artigo faz uma reconstrução do debate sobre a fonte da inteligibilidade a partir das contribuições de Charles Guignon – o qual defende que a fonte da inteligibilidade é a linguagem. Hubert Dreyfus – que sustenta que são as normas ou práticas públicas do impessoal (*Das Man*) que originam a inteligibilidade. A partir dessas posições, Pierre Keller e David Weberman sustentam que ambas estão equivocadas e defendem que a origem da inteligibilidade se encontra na temporalidade.

**Palavras-chave:** Heidegger, inteligibilidade, discurso, temporalidade, impessoal

### **Abstract:**

*The article discusses the problem of the source of intelligibility in Martin Heidegger's hermeneutical phenomenology. From the existential analytic in which human beings are described as being-there (Dasein) they are also being-in-the-world. World understood as the space of significance. In this way, entities have a significant role in the world, they already appear in structured contexts of sense and in a system of intelligibility to being-there. Several scholars of Heideggerian philosophy question the origin of intelligibility and what is this kind of meaning. The central point of the problem is to identify the existential structure that is responsible for the constitution of this space of meaning. The article does a reconstruction of the debate about the source of the intelligibility from the contributions of Charles Guignon which defends that the source of the intelligibility lies in language. Hubert Dreyfus - who holds that it is the public norms or practices of the one (Das Man) that originate intelligibility. From these contributions Keller and Weberman argue that these contributions are equivocated and that the source of intelligibility lies in temporality.*

**Keywords:** Heidegger, intelligibility, discourse, temporality, the one

## Introdução

Em *Ser e Tempo* Martin Heidegger propõe, como projeto geral, uma retomada da questão do sentido de ser. Através de uma abordagem hermenêutico-fenomenológica ele elabora uma ontologia fundamental. Centrando-se no ente que é capaz de compreender a questão do sentido de ser, o filósofo formula uma analítica existencial na qual o existente humano é compreendido como ser-aí (*Dasein*) e se constitui como ser-no-mundo – estrutura na qual suas determinações ontológicas estão fundamentadas. Partindo da cotidianidade como melhor forma de interpretar o modo-de-ser da existência Heidegger reconhece que os entes adquirem significação, determinação e identidade no interior do mundo. Mundo é compreendido como espaço de significatividade (*Bedeutsamkeit*) e dimensão situacional na qual o ser-aí se projeta em possibilidades. A interação do ser-aí com o mundo, portanto, é significativa. A recepção crítica reconheceu no projeto de *Ser e Tempo* uma possível concepção sobre as condições de inteligibilidade as quais possibilitam a experiência significativa de algo. Partindo disso, surge o problema de quais seriam as estruturas responsáveis por essa inteligibilidade. Qual seria a fonte última da inteligibilidade?

O objetivo do artigo é apresentar uma reconstrução do debate sobre o problema da fonte da inteligibilidade em *Ser e Tempo*. O trabalho parte das interpretações de Charles Guignon e Hubert Dreyfus, os quais reconhecem na linguagem (*Sprache*) e nas práticas públicas do impessoal (*Das Man*), respectivamente, a origem da inteligibilidade. Junto a isso, são apresentadas as críticas feitas por Pierre Keller e David Weberman a essas interpretações. Por fim, é apresentada a interpretação de Keller o qual vê na temporalidade do cuidado (*Sorge*) a fonte última da inteligibilidade do mundo no qual o existente humano se encontra.

### 1. O espaço de sentido em Ser e Tempo

Na analítica existencial projetada em *Ser e Tempo*, o existente humano é referido como ser-aí e interpretado em termos de ser-no-mundo evidenciando a relação e interação do existente humano com o mundo no qual está inserido. Esse mundo é

compreendido por Heidegger como horizonte situacional – no qual o ser-áí projeta-se em possibilidades – e como totalidade de relações entre entes. Mundo não é uma mera coleção de objetos. Tal relação entre entes Heidegger denomina de significatividade (*Bedeutsamkeit*) (HEIDEGGER, 2012, p. 259). O filósofo reconhece que a significatividade está aberta em uma certa inteligibilidade (*Verständlichkeit*) (HEIDEGGER, 2012, p. 257). Desse modo, os entes que vêm de encontro no mundo já aparecem em contextos relacionais estruturados e de maneira inteligível. A significatividade é o horizonte no qual os entes podem ter sentido. Segundo Heidegger, a significatividade é a estrutura básica da *mundaneidade* – elemento formal de mundo. Assim sendo, remissões, nexos remissionais e as relações entre entes são nexos de significação. No contexto ocupacional os entes utensiliares que possuem o modo de ser da disponibilidade (*Zuhandenheit*) são descobertos em nexos utensiliares determinados, a saber, um utensílio qualquer tem uma função determinada que já é inteligível e significativa ao usuário. Portanto, o ser-áí encontra a si mesmo contextualizado em um mundo que já é inteligível a ele porque sabe se “mover” nesse mundo. É possível reconhecer que no período de *Ser e Tempo* a questão do ser pode ser vista como um problema a respeito da natureza do sentido. Sentido (*Sinn*) como Heidegger o interpreta está relacionado com a compreensão de algo, não necessariamente em termos linguísticos ou tematizantes, mas em termos de habilidades e competências.

O conceito de sentido é tomado a partir de uma perspectiva essencialmente ontológica. Há uma conexão entre sentido e compreensão, na medida em que, sentido é aquilo que é projetado na compreensão. É no sentido que algo é compreensível, compreendido como algo determinado. Sentido refere-se à perspectiva na qual um ente qualifica-se a partir de sua identidade, de suas propriedades e na maneira como pode ser acessado, descoberto. A compreensão, por sua vez, tem a função de desvelar e de abertura, a partir da projeção em possibilidades, permite o descobrimento de algo como algo. O sentido pode ser reconhecido como um horizonte de descobrimento de entes o qual já se encontra estruturado, articulado e inteligível. Segundo Guignon,

Nossa compreensão dos contextos utensiliares é ela mesmo fundamentada em um domínio, mais ou menos rudimentar, de um horizonte de inteligibilidade, o qual Heidegger denomina “sentido”. Sentido, ele nos diz, é o que faz possível a projeção de possibilidade na compreensão (SZ: 324). Sentido é aquilo no qual a inteligibilidade de algo se mantém a si mesma (SZ:151). Fica claro que com o conceito de “sentido” Heidegger está tentando

identificar uma fonte de inteligibilidade que está em um nível ainda mais fundo do que aquele da totalidade da significatividade. (GUIGNON, 1983, p. 111)<sup>1</sup>

Heidegger reconhece ainda que no ser-aí reside uma abertura (*Erschlossenheit*) (HEIDEGGER 2012, p. 381) que lhe permite acesso a si mesmo, ao mundo e aos outros entes. Essa abertura pode ser compreendida como o espaço de sentido no qual os entes se mostram. Assim sendo, o existente humano já se encontra familiarizado com o mundo e em um contexto histórico. Segundo Keller, “abertura (“*Erschlossenheit*”), a qual Heidegger considera como constitutiva do *Dasein*, é o mais perto que se chega, em sua própria terminologia, da noção de inteligibilidade”<sup>2</sup> (KELLER, 1999, p. 174).

A inteligibilidade deve envolver certas condições de satisfação às quais algo pode ser identificado como algo determinado. Segundo Keller, dois pontos devem ser esclarecidos: (i) a inteligibilidade presente em *Ser e Tempo* não é questão de conhecimento teórico ou tematizante e muito menos de compreensão nos moldes racionalistas clássicos, a inteligibilidade tratada aqui, é um tipo de inteligibilidade operativa, que é anterior e independente da teórica; (ii) dizer que o mundo é imediatamente inteligível não deve ser entendido em termos de que essa inteligibilidade imediata representa a mais acurada interpretação possível. (KELLER; WEBERMAN, 1998, p. 370).

Portanto, o existente humano é um ente que está inserido em um mundo significativo. Ele mesmo é capaz de descobrir e desvelar entes enquanto entes reconhecendo nos mesmos suas determinações, nexos relacionais, nexos normativos, de uso, aplicação, entre outros. Uma questão se coloca: Qual é a estrutura existencial responsável pela constituição desse espaço de sentido?

Nas seções seguintes serão apresentadas duas possíveis respostas a essa questão. A interpretação de Charles Guignon - que vê a linguagem como responsável pela constituição do espaço de sentido. Seguindo-se pela interpretação de Hubert Dreyfus

---

<sup>1</sup> Tradução nossa do seguinte trecho: “Our understanding of equipmental contexts is itself grounded in the mastery of a more or less inchoate background of intelligibility which Heidegger calls “meaning.” Meaning, he tells us, is that which makes possible that projection of possibilities in understanding (SZ: 324). “Meaning is that wherein the understandability [Verständlichkeit] of something maintains itself” (SZ: 151). It is clear, then, that with the concept of “meaning” Heidegger is trying to identify a source of intelligibility that lies at a level even deeper than that of the totalities of significance we appropriate in our interpretations.” (GUIGNON, 1983, p. 111)

<sup>2</sup> Tradução nossa do seguinte trecho: “Disclosure (“*Erschlossenheit*”), which Heidegger regards as constitutive of *Dasein*, is the closest thing in his own terminology to the notion of intelligibility.” (KELLER, 1999, p. 174)

que reconhece que a fonte da inteligibilidade se encontra nas normas e práticas públicas cotidianas do impessoal. Também são apresentadas críticas a essas interpretações feitas por Pierre Keller e David Weberman, que reconhecem que tais interpretações apresentam condições necessárias, mas não suficientes para o problema da inteligibilidade. Por fim, é apresentada a proposta de Keller, o qual sustenta que a inteligibilidade ocorre a partir da temporalidade do cuidado.

## 2. A linguagem como fonte da inteligibilidade

Charles Guignon em seu livro *Heidegger and the Problem of Knowledge* (1983) propõe uma interpretação acerca do problema da fonte da inteligibilidade centrada nas noções de *discurso* (*Rede*) e *linguagem* (*Sprache*). É na seguinte passagem de *Ser e Tempo* que o autor encontra apoio documental para sua interpretação,

A inteligibilidade (*Verständlichkeit*) já está sempre articulada, inclusive já antes da interpretação apropriadora. O discurso é a articulação da inteligibilidade. Por isso o discurso fundamenta a interpretação e a enunciação. Ao que pode ser articulado na interpretação e mesmo mais originariamente, já no discurso, demos o nome de sentido. (HEIDEGGER, 2012, p. 455)

Para Guignon, além de ser um universal, um existencial e uma estrutura originária equíprimordial do *ser-em* – juntamente com o *encontrar-se* (*Befindlichkeit*) e com a *compreensão* (*Verstehen*) –, o discurso subjaz e dá forma à interpretação e às asserções feitas em relações aos entes. O discurso poderia ser compreendido em termos da noção de *logos*. Segundo Guignon, é possível compreender a noção de *logos* na interpretação heideggeriana como uma articulação cultural das normas e padrões pelo ser-aí no modo impessoal, assim como, sentido enquanto pano de fundo da inteligibilidade a qual determina o modo como os entes têm lugar na cultura.

Guignon reconhece em *Ser e Tempo* duas posições divergentes a respeito da linguagem, as quais ele chama de visão *instrumentalista* da linguagem e visão *constitutivista* da linguagem (GUIGNON, 1983, p. 116-132). Na visão instrumentalista a linguagem é interpretada como um utensílio que contribui para tornar o mundo inteligível. Nesse contexto, nossa habilidade linguística é fundada em algo mais fundamental, anterior, em uma significatividade não-semântica. Por outro lado, na visão constitutivista, a linguagem não é interpretada em termos utensiliares, mas como algo

que gera, possibilita e desenvolve o sentido de mundo. Desse modo, ter domínio da significatividade de mundo pressupõe domínio de uma estrutura linguística articulada. Guignon defende que a visão constitutivista é mais pronunciada em Heidegger e faz mais sentido no conjunto de sua obra – o autor considera os escritos posteriores de Heidegger, os quais tratam de forma mais central a questão da linguagem.

As críticas de Keller e Weberman dirigidas a Guignon, reconhecem que a linguagem tem um papel fundamental na compreensão de mundo, porém reconhecem que tal interpretação seja inadequada para explicar a origem da inteligibilidade no mundo significativo em que o ser-aí está inserido. Segundo os autores a linguagem aparece de maneira periférica ao longo de *Ser e Tempo*, se o esforço de Heidegger em interpretar o espaço de sentido tivesse como fonte última a linguagem, a mesma estaria presente de forma mais abrangente na obra. Porém tal crítica não parece muito correta, já que Heidegger reconhece que o discurso é uma estrutura existencial. Keller e Weberman pontuam que, segundo Heidegger, a linguagem é derivada do discurso, portanto existe algo mais primordial que funda a linguagem. Outro ponto levantado pelos autores reconhece que Heidegger parece sustentar mais fortemente a visão instrumentalista da linguagem na maioria das passagens de *Ser e Tempo*. Segundo eles, nem ao menos a visão constitutivista da linguagem é capaz de implicar em fonte de inteligibilidade. Quanto ao discurso, Heidegger é enfático ao dizer que o “discurso é a articulação da inteligibilidade” (HEIDEGGER, 2012, p.161). Se o discurso articula o que é inteligível, ele não pode ser também fonte do que é inteligível. E, o discurso é uma das estruturas do *ser-em*, se as outras estruturas não são compreendidas como fontes da inteligibilidade, também não pode o discurso. Heidegger parece dar menos importância ao papel do discurso na estruturação do ser-em, do que ao *encontrar-se* e a *compreensão*. As críticas de Keller e Weberman reconhecem que a posição de Guignon é insuficiente e equivocada para explicar qual seria a fonte de inteligibilidade.

### **3. O impessoal como fonte de inteligibilidade**

Já Hubert Dreyfus<sup>3</sup> apresenta uma interpretação pragmatista da ontologia fundamental. Nesse contexto, ao tratar do problema da fonte da inteligibilidade o autor

---

<sup>3</sup> Em *Being in the World: A Commentary on Heidegger's Being and Time, Division I* de 1990.

reconhece nas práticas públicas cotidianas do impessoal (*Das Man*), assim como, no contexto social em que elas se inserem a estrutura que constitui o espaço de sentido. O autor faz uma aproximação da filosofia de Heidegger com as filosofias de Wittgenstein e Dewey, nesse sentido pragmático. Para Dreyfus a constituição ser-no-mundo e a forma como é construída por Heidegger deixa claro que o ser-aí encontra-se imerso em um mundo de sentido e que este é compartilhado cotidianamente com outros, afinal, ser-no-mundo, também é ser-com outros. O impessoal é uma estrutura importante no projeto de *Ser e Tempo*, embora tenha um caráter ambíguo em certas passagens da obra. De um lado é reconhecido como a tendência sempre presente do ser-aí de perder-se de forma inautêntica e anônima nos modos sociais. De outro, é a estrutura responsável pela experiência compartilhada, que possibilita que haja uma compreensão conjunta entre os existentes humanos, assim como de si mesmos. Em sua obra já consagrada (DREYFUS, 1995), o autor apresenta sua posição de que a fonte da inteligibilidade dos entes reside no impessoal. É na seguinte passagem de *Ser e Tempo* que Dreyfus encontra apoio documental para sua tese,

A-gente-ela-mesma<sup>4</sup>, como aquilo em-vista-de-que o cotidiano Dasein é, articula o contexto-de-remissão da significatividade. O mundo do Dasein dá liberdade ao ente que-vem-de-encontro para uma totalidade-de-conjunção que é familiar à a-gente e cujos limites a mediania de a-gente estabelece. (HEIDEGGER, 2012, 371)

É quando Heidegger escreve que o impessoal articula e estabelece os contextos remissionais de significatividade que Dreyfus reconhece nessa estrutura a fonte da inteligibilidade.

As críticas de Keller e Weberman à tese de Dreyfus sobre o impessoal ser a fonte última da inteligibilidade pontuam que a existência do ser-aí não pode ser coextensiva com as práticas cotidianas, como Dreyfus defende, já que o ser-aí recai muitas vezes em práticas não-cotidianas. O impessoal não pode ser a fonte, pois o discurso, a linguagem e outras estruturas existenciais são todas igualmente necessárias e condições básicas para fazer o mundo ser inteligível como o conhecemos (KELLER; WEBERMAN 1998, p. 378). Em *Ser e Tempo*, ainda, o impessoal é capaz de explicar alguns

---

<sup>4</sup> No presente artigo optou-se por utilizar o termo *impessoal* como tradução para *Das Man*, nas citações preservou-se a tradução de Fausto Castilho (2012).

comportamentos do existente humano, mas na maioria das vezes ele é *explanandum* – necessita ele mesmo de uma explicação. (KELLER, 1998, p. 378).

Uma questão que se coloca: o impessoal explica o aspecto comunicativo e compartilhador da habilidade do ser-aí de o mundo fazer sentido. Mas o que possibilita esse compartilhamento do sentido de mundo em primeiro lugar?

#### **4. Keller e Weberman: a temporalidade do cuidado como fonte da inteligibilidade**

Uma das principais razões para Keller e Weberman sustentarem que a fonte da inteligibilidade não pode ser encontrada na linguagem ou no impessoal é o fato de que em *Ser e Tempo* Heidegger insiste que há uma pluralidade de estruturas existenciais (*Existenzial*) que são necessárias e equiprimordiais, as quais são conjuntamente responsáveis por subjazer e tornar possível o mundo em que o existente humano está inserido. Parece implausível haver uma estrutura existencial que seja mais importante já que o filósofo reconhece que são equiparadas (KELLER; WEBERMAN, 1998, p. 379). Tais intérpretes, portanto, levantam a hipótese que a fonte da inteligibilidade deve residir na noção de *cuidado* (*Sorge*) e em um nível mais originário na temporalidade do cuidado. Essa hipótese leva em conta o reconhecimento de que o cuidado é o sentido do todo estrutural que o ser-aí é (KELLER; WEBERMAN, 1998, p. 379). Os autores encontram apoio documental para corroborar sua tese na seguinte passagem de *Ser e Tempo*: “Na preocupação<sup>5</sup> se funda a completa abertura do ‘aí’. Só esse ser-iluminado possibilita toda iluminação e clarificação, todo perceber, ‘ver’ e ter algo” (HEIDEGGER, 2012, p. 953).

Mas no que consiste o cuidado? Cuidado é definido por Heidegger como ser-adiantado-em-relação-a-si-em-um-mundo (*Sich-vorweg-im-schon-sein-in-einer-Welt*) (HEIDEGGER, 2012, p. 537). O cuidado é a ideia de que as coisas aparecem como importando para o ser-aí de vários modos. O ser-aí importa-se com sua existência, com seus projetos, com o mundo e os entes com os quais interage, com os outros existentes humanos. Sua existência é uma questão e não pode ser deixada de lado. O cuidado é reconhecido como a estrutura de ser do essencial “em jogo...” (HEIDEGGER, 2012, p.

---

<sup>5</sup> Optou-se por traduzir o termo alemão *Sorge* como *Cuidado* e não *Preocupação*, porém nas citações é mantida a tradução de Fausto Castilho (2012).

537). De maneira que o ser do existente humano está em jogo desde sempre para ele. O cuidado pode ser compreendido e analisado da seguinte maneira: (a) *ser-adiantado-em-relação-a-si* refere-se característica do ser-aí de estar sempre adiante de si mesmo à medida em que ele está sempre se projetando em termos de algum em-função-de, o ser-aí é um ente sempre engajado em projetos direcionados à estados futuros de sua existência; (b) *em-um-mundo* refere-se ao ser-aí estar imerso em um mundo, de ter sido jogado em um mundo sem escolha prévia, e que os entes que vêm de encontro o atravessam. (KELLER, WEBERMAN, 1998, p. 380). Segundo Keller, há dois aspectos que tornam o cuidado especial: (i) abrange a totalidade da existência do ser-aí, ao contrário das outras estruturas existenciais, e (ii) é “anterior” a qualquer modo de comportamento, já que é reconhecido como um caráter da constituição de ser do ser-aí (KELLER; WEBERMAN, 1998, p. 379). Para os autores o cuidado torna possível e dá forma à habilidade do ser-aí de dar sentido ao que está ao redor, mais precisamente “a afirmação de que somos cuidado implica que entes sempre, de alguma forma, são importantes a nós. Porque entes importam para nós que eles podem adquirir sentido e então, serem inteligíveis” (KELLER; WEBERMAN, 1998, 380)<sup>6</sup>.

Porém o cuidado só pode ser compreendido à luz da temporalidade ek-stática (*Zeitlichkeit*) do ser-aí. Para Heidegger, “a unidade originária da estrutura-da-preocupação reside da temporalidade” (HEIDEGGER, 2012, p. 891). De acordo com a interpretação dos autores se a temporalidade é o que possibilita o cuidado, então ela é uma fonte de inteligibilidade mais profunda e originária. Lembrando que o cuidado é entendido nos termos de *ser-adiantado-em-relação-a-si-em-um-mundo*, aqui é possível apreender a absorção no presente (a-si-em-um-mundo) e uma projeção ao futuro (ser-adiantado-em-relação-a-si). O ser-aí sempre se encontra inserido, absorvido em um mundo, porém, é essencial de seu modo de ser um projetar-se em possibilidades futuras. Assim como, o ser-aí é um ente histórico e capaz de compreender, portanto compreende seu passado. É importante lembrar que Heidegger não concebe os conceitos de passado, presente e futuro de forma comum e “vulgar”. Para o filósofo, a temporalidade é estrutural do modo de ser do ser-aí – a existência – e é uma determinação ontológica do ser-aí.

---

<sup>6</sup> Tradução nossa do seguinte trecho: “The claim that we are care entails that entities always somehow matter to us. It is because entities matter to us that they can have meaning and thus be intelligible” (KELLER; WEBERMAN, 1998, 380)

A interpretação de Keller e Weberman – de que a temporalidade gera a inteligibilidade – encontra apoio textual na seguinte passagem de *Ser e Tempo*:

O ser do Dasein, nós o determinamos como preocupação. O sentido ontológico desta é a temporalidade. Já foi mostrado que e como a temporalidade constitui a abertura do “aí”. Na abertura do “aí” o mundo é coaberto. A unidade da significatividade, isto é, a constituição ontológica do mundo, deve fundar-se igualmente na temporalidade. *A temporalidade como unidade ekstática tem algo assim como um horizonte* (HEIDEGGER, 2012, p. 989, grifos do original).

De modo geral, segundo Keller e Weberman, a habilidade do ser-aí de compreender entes como entes depende da habilidade de modificar e conectar diferentes perspectivas temporais em uma única experiência. (KELLER, 1998, p. 382). Para corroborar ainda mais sua interpretação, os autores apresentam uma passagem de *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*, que capta a importância dada por Heidegger à temporalidade e a forma como a mesma é capaz de determinar possibilidades:

A temporalidade possibilita [...] o comportamento do ser-aí como um comportamento em relação ao ente, seja esse um comportamento em relação a si mesmo, aos outros seres-aí ou ao à mão e ao ente presente à vista [...] a temporalidade possibilita a compreensão de ser [...] o ente já é sempre descerrado ou descoberto. (HEIDEGGER, 2012a, p. 462)

## 6. Considerações Finais

O artigo consistiu em uma reconstrução do debate sobre o problema das fontes da inteligibilidade na fenomenologia-hermenêutica elaborada por Heidegger em *Ser e Tempo*. O problema parte da descrição da constituição fundamental *ser-no-mundo*. Reconhecendo a partir dessa estrutura que o existente humano se relaciona de forma significativa com mundo, já que é capaz de descobrir entes enquanto entes, reconhecendo suas determinações e significações e também projetar-se em possibilidades. Intérpretes da obra heideggeriana reconhecem que as obras do período de *Ser e Tempo* centram-se na problemática do sentido e das estruturas que possibilitam o espaço de sentido.

A partir de uma reconstrução do problema foram apresentadas três possíveis interpretações, a de Charles Guignon o qual reconhece na linguagem a fonte da inteligibilidade, indo de encontro à virada linguística presente na filosofia do século XX. Hubert Dreyfus, com uma leitura pragmatista, argumenta que a fonte da

inteligibilidade reside nas práticas públicas cotidianas do impessoal, ou seja, na experiência compartilhada e social dos existentes humanos. Reconhecendo tais posições como insuficientes, Keller, juntamente com Weberman, apresenta sua hipótese, assim como críticas, de que a estrutura que constitui o espaço de sentido e possibilita algo como a inteligibilidade é a estrutura do cuidado, e de forma mais originária, a temporalidade do cuidado.

## Referências bibliográficas

- BLATTNER, William. *Heidegger's Being and Time*. New York, NY: Continuum, 2006.
- DREYFUS, Hubert. *Being in the World: A Commentary on Heidegger's Being and Time, Division I*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- GUIGNON, Charles. *Heidegger and the Problem of Knowledge*. Indianapolis, IN: Hackett Publishing, 1983.
- HEIDEGGER, Martin. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012a.
- \_\_\_\_\_. *Prolegómenos para una Historia del Concepto de Tiempo*. Trad. Jaime Aspiunza. Madrid: Alianza Editorial S.A., 2006.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP :Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- KELLER, Pierre. *Husserl and Heidegger on Human Existence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- KELLER, Pierre; WEBERMAN, David. *Heidegger and the Source(s) of Intelligibility*. In: *Continental Philosophy Review*, n. 31, 1998, p. 369-386. Netherlands: Kluwer Academic Publishers.